



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Patologização e despatologização indiscriminada dos transtornos psicológicos em discentes na graduação e na pós-graduação: medicalização e sociologização

Pathologisation et dépathologisation aveugles des troubles psychologiques chez les étudiants de premier et troisième cycle : médicalisation et sociologisation

Indiscriminate pathologization and depathologization of psychological disorders in undergraduate and postgraduate students: medicalization and sociologization

Tania Coelho dos Santos

Orcid: [0000-0002-5360-7864](https://orcid.org/0000-0002-5360-7864)

Pós-Doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris 8 (Paris, França)
Professora Visitante do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei / UFSJ (Minas Gerais, Brasil)
Professora Associada IV Aposentada do Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Pesquisadora Nível 1C do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq/Brasil)
Presidente do Instituto Sephora de Ensino de Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Membro da Diretoria da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental / AUPPF (São Paulo, Brasil)
Membro da École de Cause Freudienne / ECF (Paris, França)
Membro da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP (São Paulo, Brasil)
Membro da Associação Mundial de Psicanálise / AMP (Paris, França)
Email: coelhosantostania@gmail.com

Antonio Teixeira

Orcid: [0000-0003-3867-2681](https://orcid.org/0000-0003-3867-2681)

Doutor pelo Département de Psychanalyse de Paris VIII
Professor Titular do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG
Psicanalista, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP
Membro da Associação Mundial de Psicanálise / AMP
E-mail: amrteixeira@uol.com.br

Relatório do GT 67, Reconfigurações do imaginário no Século XXI para o 20º Simpósio e Intercâmbio da ANPEPP-2024: Política científica e ações afirmativas: produção do conhecimento e democratização da ciência

Apresentação do tema

É inegável que as ações afirmativas vêm revolucionando a persistente desigualdade que vinha marginalizando a população negra, parda e indígena no acesso à universidade pública e gratuita. Os avanços foram consideráveis e já se percebe uma grande mudança no perfil de nossos alunos. O processo continua e deve avançar mais ainda nos próximos anos encorajado por políticas científicas progressistas. Recentemente, uma consideração acerca dos efeitos do preconceito em relação à população LGBTQIA+ também tem ensejado políticas afirmativas que retifiquem, ao menos parcialmente eventuais prejuízos relacionados com a segregação e processos seletivos discriminantes.

Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana. Rio de Janeiro, 19(38), 163-180, mai. 2024 a out. 2024.

Patologização e despatologização indiscriminada dos transtornos psicológicos em discentes na graduação e na pós-graduação: medicalização e sociologização

Tania Coelho dos Santos & Antonio Teixeira

Porém, Coelho dos Santos, em reuniões do GT 67 nos últimos simpósios, vem alertando para a importância de pensar sobre os efeitos de deslegitimação vertiginosa da produção de saber graças à disseminação de ideologias identitárias nos campi universitários. Convém alertar também para o crescimento da hostilidade em relação à civilização ocidental-cristã dita patriarcal e heteronormativa. Ideologias nascidas nos campi universitários americanos vêm engendrando uma espécie de "New Left" que redefiniu completamente a oposição entre opressores e oprimidos. A hostilidade decolonial aos valores do Ocidente leva alguns jovens radicais a apoiar grupos terroristas islâmicos, segundo a lógica questionável de que o inimigo do meu inimigo é meu amigo. O cuidado com os brasileiros mais empobrecidos e mais vulneráveis vem sendo substituído pela solidariedade com os grupos minoritários e ideológicos.

Há, entretanto, uma outra dimensão da segregação e da marginalização de discentes no ensino universitário que é muito pouco incluída no leque de discussões sobre políticas científicas que desemboquem em ações afirmativas. Um grande número de discentes universitários são atingidos por transtornos psicológicos ao longo da faculdade e são fortemente prejudicados e até impedidos de concluir seus estudos. O elevado índice de adoecimento psíquico deveria ser alvo de ações afirmativas para evitar o fracasso acadêmico, a exclusão social e o êxodo de discentes, por parte justamente da comunidade de professores universitários. No encontro do nosso GT no ano de 2020, refletimos sobre os equívocos do imaginário da igualdade, liberdade e justiça contemporâneos que rejeita o *pathos* mais essencial da condição humana, a dimensão do inconsciente. Os sintomas, discursos e laços sociais afetados psicopatologicamente, e não apenas sociologicamente, merecem mais atenção.

Neste encontro proporcionado pelo 20º Simpósio da ANPEPP, nosso GT (21 membros) subdividiu-se em 5 subgrupos temáticos cujas reflexões elencamos abaixo.

ANTONIO TEIXEIRA E BERNARDO CARNEIRO (Valéria Wanda, Ângelo Costa e Fernanda Borges) - O estatuto do saber entre jovens em geral, estudantes e professores universitários em particular. O saber mercadoria e o saber autoerótico.

Diante desta autoerótica do saber, o que resta à função da educação? Como operar como educador em um contexto em que a transmissão perdeu seu valor? Por que alguém ainda se identificaria como "aluno" e se interessaria em frequentar aulas? O que os jovens esperam encontrar no ambiente de ensino? Algumas questões que nos direcionam a uma investigação sobre o sofrimento que encontramos hoje em dia na experiência da educação.

Ao abordar o cenário universitário atual, no qual o número de alunos de graduação que opta por uma formação em psicanálise vem se reduzindo, Bernardo Carneiro se pergunta pela causa dessa situação. Sua hipótese é a de que a relação com o saber se modificou na contemporaneidade, ao se reduzir a uma mercadoria que só teria valor na medida em que viabiliza uma satisfação pulsional. Mediante a oferta de identidades e conceitos bem definidos, o mercado do saber promete a localização

no cérebro de qualquer disfunção de ordem psíquica, estabelecendo diagnósticos psiquiátricos orientados pela busca de sua fundamentação em índices orgânicos de sua existência: TDAH, depressão, espectro de autismo etc. Esses diagnósticos conduzem a tratamentos medicalizantes ou sociologizantes.

A identidade de gênero por sua vez vem excluir a dimensão da escolha inconsciente, do desejo e da fantasia que a organiza, sob o pretexto de que a pessoa está destinada a esse ou aquele gênero desde o nascimento. O saber dá acesso a uma identidade que garantiria o direito ao gozo. Nisso que Jacques-Alain Miller nomeia como uma "autoerótica do saber", Bernardo Carneiro retoma o que Lacan propõe no *Seminário 20* (1972-1973/1985), ao afirmar que o saber não se renova pelo aprendizado que se adquire, mas pelo exercício de seu gozo. Nesse horizonte, Bernardo Carneiro se interroga sobre como transmitir a psicanálise quando o saber vale mais pelo gozo que veicula do que pela troca que promove, lembrando que não se trata de construir um projeto de expansão da psicanálise nas universidades, mas antes de induzir ao trabalho aqueles que se interessam por ela, não apenas como um saber a ser adquirido, mas como uma experiência à qual se engajar.

Ângelo Márcio V. da Costa, doutorando na UFF, pergunta: quando um professor escreve no quadro, o que mais se transmite além da matéria? O ensino da psicanálise na universidade enfrenta diversas resistências. A rejeição à dimensão inconsciente prolifera e parasita o laço o professor. Embora esse fenômeno se manifeste de várias formas, é identificável pelas intenções de apagar as diferenças e denegar a diferença geracional que é fundamento da função paterna. O cenário universitário está repleto de patologias narcísicas que materializam o horror à diferença porque ela remete à castração: existe o impossível. Atitude que dilui a função do Ideal do Eu. Neste contexto, é crucial lembrar que um aluno não é autodeterminado, não existe desde o início, nem por si mesmo. Ao escrever no quadro, o professor corre um risco. Ele afirma assim que detém um saber que o diferencia do aluno. Insistir na afirmação dessa diferença pode despertar reações opostas difíceis de manejar em sala de aula.

Valéria W. F. da Silva pretende pensar a formação de analistas no curso de psicologia na atualidade. Muitos alunos escolhem essa orientação na graduação. Porém, percebe no estatuto do saber contemporâneo alguma coisa que dificulta o ensino da teoria e a transmissão da prática da psicanálise. A busca do saber sobre o inconsciente parece atravessada pelo pensamento cognitivista da psicologia e da neuropsicologia. Produziu-se um fenômeno de mercado que se orienta ora por um discurso identitário, ora pela "urgência" em diagnosticar e ou nomear um sujeito desde a infância à velhice para apaziguar a sua dor existencial. A professora interroga se o percurso de estudos, análise e supervisão estão afetados pela lógica do consumo. As subjetividades tendem a estruturar-se em conformidade com a exterioridade do mercado de trabalho. Os limites entre o público e o privado vacilam. Cabe ao professor e ou supervisor, a difícil tarefa de promover reflexões éticas sobre a oposição entre a paixão pela ignorância e o desejo de saber em tempos atuais.

Fernanda Borges parte de uma concepção da pós-modernidade como um tempo de desconstrução dos saberes tradicionais e do legado de pensadores ocidentais. Seu saber tornou-se

suspeito de servir à manutenção de condições de desigualdade e opressão social. Toda tradição é suspeita de colonialismo e exercício abusivo de poder. Se a relação ao saber na modernidade freudiana até meados do século XX ainda era marcada pelo apelo aos significantes-mestres, seja sob a forma do discurso do mestre, seja sob a forma do discurso da histérica (ciência), com a entrada, a partir dos anos 1960, do saber como produto no mercado, assistimos a uma dissolução suposição de saber aos significantes da tradição. Qual o destino para a transferência erótica ao saber suposto ao mestre na pós-modernidade?

Ao meditar sobre a retomada das atividades de ensino após uma longa greve universitária, Antônio M. R. Teixeira, por sua vez, se pergunta sobre o significado de uma greve do saber, lembrando que foi somente a partir de uma configuração específica, determinada pela separação dos meios de produção e da força de trabalho pelo discurso do capitalismo, que a ideia moderna de greve pôde se constituir. Ao se interrogar sobre esse modo de configuração do mundo que o discurso do capitalismo faz existir, aproxima-se da ideia do funcionamento expresso em seu modo de produção, que é a constituição do produto que se deixa mensurar nos termos do valor de troca como forma mercadoria, endereçada a um mercado de consumo que ela condiciona, sendo por ele determinada reciprocamente. Ao discutir, portanto, pelas implicações de uma greve de professores universitários, o professor e pesquisador propõe interrogar o que significa uma greve universitária pensada nos termos de uma interrupção da produção do saber, no sentido do que vem a ser o saber como produto que a universidade oferece, em sua especificidade mercadológica. Que implicações a redução do saber a uma mercadoria que se compra e se vende tem sobre o desejo de saber do jovem universitário?

FILIFE ANDRADE E FERNANDA QUEIROZ – (Aline Aguiar, Tania Coelho, Patrícia Matos e Manuella Itapary) - Um estudo comparativo entre a mentalidade dos estudantes de medicina e os estudantes de ciências humanas (de psicologia em particular). Análise de aspectos como vocação e ambição, mercado de trabalho, medicação psiquiátrica, desempenho acadêmico.

O subgrupo partiu da percepção de que a saúde mental do estudante universitário corre risco de negligência política. De acordo com Aline Aguiar Mendes (2022, p. 39), em *As urgências subjetivas de jovens universitários: uma interlocução Brasil-França*, a temática da saúde mental dos universitários está na pauta de ações e pensamento de gestores e pesquisadores envolvidos com o ensino superior. De fato, os números apresentados em estudos realizados pelo Fórum de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE), dentre outros, são indicadores de que os universitários têm relatado a vivência de forte angústia, ansiedade. Segundo recente estudo realizado por esse fórum em 2018 e publicado em 2019 (Mendes, 2019), 63,6% entrevistados em universidades comunitárias disseram sofrer algum tipo de ansiedade e mais 20% dos discentes relatam pensamentos de suicídio ou ideia de morte. Somam-se a isso as exigências do Ministério de Educação e Cultura (MEC), que

estabelece o apoio psicopedagógico como importante item para avaliação, elencado na dimensão 1 - *Organização didático-pedagógica*, no indicador 1.12, *Apoio ao Discente do Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e à distância* (Ministério de Educação e Cultura, 2017). Tal iniciativa nos mostra que esse Ministério também já se atentou para a necessidade de um apoio amplo aos discentes, no qual pode estar incluída a saúde mental dos discentes. Nesse contexto, várias instituições de ensino superior vêm se mobilizando para oferecer um apoio aos discentes. uma nova proposta de ação em relação à saúde mental dos discentes, com base na constatação dos gestores da universidade do aumento do número de alunos com sofrimento mental no contexto universitário (Mendes, 2021-2022). O aluno endereça à universidade um mal-estar, que apesar de não estar diretamente relacionado a sua performance acadêmica, ocorre no cotidiano de sua permanência na instituição como, por exemplo, tentativas de suicídio no campus, crises de ansiedade e choro na sala de aula, manifestações paranoides relacionadas a colegas e a funcionários. Tal situação provoca impasses relativos ao acolhimento e encaminhamento dessas demandas. Afinal, como uma instituição de educação pode ser também uma instituição de tratamento de sofrimento psíquico? Como compatibilizar uma ação de educação coletiva com a singularidade da posição de cada aluno? Dentre os fatores que acarretaram um novo empenho dos gestores na reestruturação da APP a partir de 2015, podemos destacar: a) as exigências do MEC de um apoio psicopedagógico como critério de avaliação dos cursos de graduação presenciais e a distância; b) o reconhecimento dos gestores sobre o fato de que uma assistência psicológica dentro da universidade produz um impasse, ou seja, de algum modo, a partir de alguns efeitos na instituição, constatou-se que era problemático o atendimento clínico contínuo dos discentes na instituição sem uma reflexão sobre essa prática. Desde 2017, tem trabalhado com a temática da saúde mental de estudantes universitários. Inicialmente, como professora responsável pela Assistência Psicopedagógica aos Alunos da PUC Minas, trabalhou na proposição e colaboração de pesquisa aprovada pelo CNPq e desenvolveu uma pesquisa com apoio da universidade PUC Minas que culminou na pesquisa de pós-doutorado, realizado na UFMG em parceria com o BAPU- Rennes. As pesquisas tinham como objetivo investigar as urgências subjetivas de estudantes universitários¹. A investigação realizada direcionou à análise das urgências subjetivas e, também, aos estudos sobre a passagem da adolescência para a vida adulta. Posteriormente, o trabalho de conversações com jovens universitários conduziu à pesquisa atual sobre ansiedade, que resultou na proposição da ansiedade como manifestação do supereu na contemporaneidade.

Prosseguindo na via de pesquisa, Felipe Moreira de Andrade, pesquisador e coordenador do curso de medicina da UNIFAGOC, e Tania Coelho dos Santos, professora visitante do PPGPSi UFSJ, propuseram uma nova via de investigação do mesmo tema. A partir da *Lei n 12.871*, de 22 de outubro de 2013, conhecida como *Lei do Mais Médicos*, houve um aumento na abertura de cursos de graduação em medicina, levando o Brasil a ser o segundo país do mundo com maior número de escolas médicas, com a Índia ocupando o primeiro lugar (Scheffer et al., 2023). Em consequência do aumento do número

de vagas, sobreveio a diminuição da concorrência e o início do curso em municípios que não apresentavam histórico de ensino médico, fatores que afetaram a qualidade dos cursos. O aumento do número de médicos no Brasil foi documentado desde a década de 1980. Entretanto, nos últimos 20 anos essa curva se acentuou. Enquanto nos anos 2000 havia cerca de 1,41 médicos por 1.000 habitantes, em 2020 essa razão alcançou 2,38. Enquanto o número anual de novos registros médicos no país foi de 8.514 no ano de 2001, a projeção é que esse número suba para 31.849 em 2024, um aumento de 374 (Scheffer et al., 2023). O curso de graduação em medicina, bem como a profissão médica, possui características de elevada exigência intelectual, curva de aprendizado longa se comparada às demais profissões, relacionamento constante com os pacientes em condições de fragilidade e elevada cobrança acadêmica e profissional. Distúrbios emocionais têm uma incidência maior em médicos e alunos de graduação em medicina em comparação à população geral. Nos Estados Unidos, em que há mais estudos sobre o tema, estima-se que até 25 dos discentes dos cursos de medicina apresentem alterações como depressão, e até 71 possam apresentar um esgotamento emocional. Os estudos sobre o perfil comportamental e psicológico dos alunos de cursos de graduação em medicina são escassos no Brasil. Uma busca na base *pubmed*, considerando os últimos 10 anos com os descritores de título *medical and student and mental and health*, exibe 40 trabalhos, nenhum deles realizado no Brasil. Já os descritores de título *medical and student and depression* evidencia 17 trabalhos nos últimos 10 anos, todos estrangeiros. Se buscarmos, também no título, *medical and student and burnout*, teremos 50 trabalhos em 10 anos, nenhum em nosso país. Utilizando-se *medical and student and suicide*, encontram-se 6 trabalhos, incluindo uma revisão sistemática, a qual, em suas citações, faz referência a um único trabalho brasileiro, do ano de 1990 (Blacker et al., 2019). Estudos nacionais existem em pequeno número, mas reportam a existência de dificuldades psicológicas entre alunos de graduação em medicina (Damiano et al., 2021). O objetivo desse estudo é produzir uma avaliação do perfil de alunos do curso de medicina cotejando motivação vocação, habilidades específicas, desempenho e transtornos psicológicos.

Fernanda O. Queiroz de Paula traz alguns questionamentos acerca dessa temática, com base na sua experiência enquanto professora universitária em um curso de graduação de medicina. No exercício da docência na graduação de medicina, os alunos relatam que se sentem muito ansiosos e pressionados para terem um bom desempenho no curso e alcançarem a inserção em uma residência médica ao formarem. Muitos relatam que essa pressão é proveniente, principalmente, de uma disputa acirrada que os próprios alunos estabelecem entre si. O fato de quererem alcançar um bom desempenho e de se inserirem em uma residência parece bem razoável frente a exigência acadêmica da formação para uma boa prática da medicina. Contudo, esse cenário ganha um contorno de uma rivalidade imaginária e especular entre os alunos que os levam a assumirem inúmeras atividades acadêmicas e a recorrerem ao uso indiscriminado de psicoestimulantes para alcançarem um ideal de "alta performance e produtividade", visando uma exibição de si para os pares. Como resultado, os alunos relatam alto índice

de ansiedade, angústia, vergonha, baixa tolerância à frustração, "síndrome do impostor", sobrecarga, desgaste físico/emocional e medicalização. O clima de competitividade paira entre os alunos. Parte da premissa de que a busca pelo bom desempenho acadêmico quando ganha essa roupagem de disputa especular, denuncia o predomínio de uma ideologia individualista associada ao capitalismo neoliberal, que incita um empuxo a um gozo narcísico. Nesses casos, é possível identificar que uma das consequências subjetivas é o que Lacan, em seu *Seminário O avesso da psicanálise* (1969-1970/1992) definiu como a redução, por parte desses alunos, de todo saber ao diploma universitário e a uma mercadoria que se compra e vende, desatrelado da autoridade daquele que o transmite. O que vale é o acúmulo de "títulos", certificados e a ideia de uma medicina baseada em "guidelines" e protocolos, dissociada da relação com a causa do desejo, com a vocação que envolve ser médico e da relação médico-paciente. Gradativamente, percebe uma mudança na mentalidade de alguns estudantes, cujo foco na medicina centrada no paciente muda para o interesse em atender o maior número de pacientes no menor tempo possível para otimizar seus ganhos. Quais as consequências dessa ideologia para a prática da clínica médica e da medicina na pós-modernidade? Qual a impostura perpassa essa posição subjetiva que acarreta esse quadro de sofrimento mental nos estudantes de medicina?

Nesse contexto, a preocupação com a inserção no mercado de trabalho e o interesse em alcançar um bom retorno financeiro no exercício de sua profissão, é uma questão que os alunos se colocam desde muito cedo, diferentemente do que percebe na experiência como docente de alunos do curso de psicologia. Os propósitos que embasam essa preocupação se diferem em no mínimo três dimensões. Parte da premissa de que duas dessas dimensões se amparam na diferenciação proposta por Coelho dos Santos e Cunha (2014) em *A saúde dos corpos: entre o ideal missionário e a lógica de mercado*, entre o perfil dos médicos missionários e os médicos mercenários. Há os alunos que apresentam um perfil compatível com o sintoma missionário, em que objetivam gozar de um bom retorno financeiro e do prestígio social pelo exercício de uma prática médica vinculada a uma causa de desejo, a um ideal do eu e a uma ética do cuidado dos pacientes. Há os alunos que apresentam um perfil compatível com o que Coelho dos Santos e Cunha (2014) definiram como um caráter mercenário, em que vigora uma voracidade pelo acúmulo de bens materiais, um gozo consumista e de exibição de si. Há um terceiro grupo de alunos, cujo interesse pelo retorno financeiro ao se formarem é perpassado por uma demanda da família de que são a promessa de uma melhoria da condição de vida dos pais. Isso acarreta consequências subjetivas específicas para esses alunos, que, muitas vezes, são marcados por uma inversão da função geracional frente a uma demanda que ultrapassa a dimensão do reconhecimento da dívida simbólica.

Patrícia Matos Rodrigues, com base em sua experiência clínica, afirma que os estudantes universitários apresentam, em comum, várias evidências de vulnerabilidade psíquica e risco de adoecimento. São estudantes que iniciaram o tratamento analítico já medicados por algum psiquiatra e alguns com laudos de transtorno de neurodesenvolvimento. Na prática, são estudantes que adiam a

formatura, se inscrevem em poucas disciplinas, atravessam os períodos letivos com dificuldades ou repetências, queixam-se de sobrecarga e procrastinam os estágios. Sentem medo de se formarem, pois o mundo do trabalho exige uma posição subjetiva adulta e responsável lhes parece muito distante. Embora cada um desses casos apresente uma singularidade subjetiva, a recorrência desses sintomas faz pensar no discurso sociocultural contemporâneo e sua relação com a subjetividade dos jovens adultos. Esses impasses levam a perguntar sobre qual o papel que a transmissão do Outro parental, vem desempenhando ou negligenciando, no sentido de amparar a juventude na contemporaneidade?

Frente a esse panorama, nos servimos de uma chave de leitura proposta por Coelho dos Santos (2016a, 2016b) acerca das produções das subjetividades contemporâneas, de que é preciso localizar caso a caso, na clínica do sujeito e na clínica da civilização, qual é o Outro de cada um: para qual(is) Outro(s) os estudantes de medicina e de psicologia direcionam suas demandas, insatisfações e sofrimento?

CRISTINA ANTUNES E DOUGLAS ABREU (Tania Coelho, Fábio Azeredo, Rosa Guedes, Fernanda Borges e Katia Nigri) – Discursividades pós-modernas, desconstrucionismo, feminismo, LGBTQI+, racismo, grupos identitários e psicose ordinária. Abordagens sociologizantes: equívocos da despatologização generalizada

Como nosso GT já vem apontando, algumas tendências ideológicas dominantes, não contribuem para reduzir ou até debelar o problema da saúde mental dos estudantes. A abordagem sociológica do problema leva, equivocadamente, a crer que o sofrimento psíquico é consequência e não causa do fracasso acadêmico. Persiste uma certa ingenuidade no que se refere à complexidade dos transtornos psicológicos. Infelizmente essa ingenuidade desencoraja ações afirmativas visando amparar discentes que experimentam a eclosão de uma neurose ou desencadeiam surtos psicóticos durante seus estudos.

Coelho dos Santos (2016a, 2016b, 2017, 2019, 2022, 2023) vem levantando a seguinte questão: os discursos pós-modernos promovem uma foraclusão generalizada do Nome-do-Pai ou trata-se de um desmentido dessa função? Surgiu também o tema da inexistência do objeto (*Das ding*) e o consequente desamparo estrutural para todos os sujeitos. O grupo não conseguiu extrair um consenso acerca da questão sobre a foraclusão ou do desmentido do nome-do-pai. Consideramos que esse ponto teórico precisa ser aprofundado. Quanto aos efeitos sobre os sujeitos, concordamos que as discursividades pós-modernas incitam os sujeitos a se apresentarem na posição de objeto do Outro. Essa posição manifesta-se na identificação à figura da vítima fazendo par fantasmático com o seu algoz, o Outro mau. Com esses elementos em comum, apontamos os principais temas de pesquisa de cada participante

Segundo Maria Cristina Antunes, com o surgimento dos feminismos de inspiração marxista, nos anos 70, o termo revolução sexual ganha um novo contorno: trata-se da luta por uma revolução - no

campo sexual e social – que derrube as estruturas de poder que dominam as mulheres. A relação sexual-amorosa é percebida como o *locus* da dominação do homem sobre a mulher. Esta, nestes discursos, é descrita como um objeto do prazer e da violência do homem, impotente e dominada. Como consequência começa a se delinear nessa época a presença constante no discurso feminista de um inimigo – o homem. Cresce o desprestígio das funções sexuais e sociais tradicionais da mulher: a posição de objeto causa do desejo de um homem e a maternidade. Este movimento se acirra com os feminismos de inspiração pós-moderna que trabalham no sentido da desconstrução do conceito de mulher. Neste processo, as mulheres passam a fazer parte dos grupos nomeados subalternos, dos grupos sem valor, sem prestígio, sem poder etc. Temos, aqui, estruturada a identidade da vítima. É com esta discursividade que os jovens universitários se encontram ao ingressar na universidade. Neste primeiro grande passo em direção à vida adulta - momento para muitos de angústia e de desamparo -, eles são envolvidos em discursividades identitárias inspiradas no feminismo. Tais discursos apontam o mundo adulto como um perigo, com o inimigo à espreita e do qual seriam incapazes de se defender. O Outro – os professores, as instituições, os ideais, a ciência não são confiáveis. Podemos situar duas principais tendências nas respostas subjetivas dos que ficam aprisionados nessa discursividade: a resposta melancólica e a resposta persecutória. De um lado o desprezo por si mesmo ou a identificação a um objeto sem valor; de outro, a oposição acusatória a um Outro como causa dos impasses do sujeito. A conjunção das duas atitudes resulta em: “eu não valho nada porque o Outro se recusa a me dar o que me é de direito”. De uma promessa de futuro, a universidade torna-se um campo de batalha.

Fabio Moraes Azeredo é professor em um programa de pós-graduação em psicologia na Universidade de Saint Mary's, em Minneapolis, no estado de Minnesota, nos Estados Unidos. Ele afirma que em todas as apostilas das diferentes disciplinas que já teve oportunidade de ensinar é notável a crescente relevância conferida às questões de raça, gênero e cultura. Isso pode ser verificado através de como, nas versões atualizadas dessas apostilas, há sempre novos parágrafos justamente sobre essas temáticas. Apesar de esse fenômeno ser observável em outras disciplinas (como por exemplo em “psicologia do desenvolvimento” e em “terapia familiar”), ele é muito mais marcado na disciplina intitulada “psicologia multicultural”. Alunos brancos se apresentam como historicamente culpados de impor sua cultura e seus critérios diagnósticos, e de evolução terapêutica, a pessoas advindas de outras culturas, pertencentes a outras raças, e/ou gênero. A questão que podemos colocar é: como essas linhas se cruzam, a da psicologia clínica e a das preocupações em corrigir/em não mais repetir a história – de racismo, de dominância cultural. E neste cruzamento, o que acontece com a escuta clínica, ela se perde, se enriquece, ou o quê?

Douglas Abreu investiga o campo da psicose. Especialmente os efeitos de desinserção subjetiva, da carência da fantasia fundamental e da relação com a posição de dejetivo, isto é, a posição de vítima na neurose e na psicose. Em seus programas de iniciação científica e de extensão tem contribuído para

formar estudantes capazes de identificar esses fenômenos sociais e intervir clinicamente. É nesse sentido uma estratégia de combate a essa fonte de mal-estar.

**ROGÉRIO QUINTELLA E FLAVIA LANA – (Ângelo Márcio, Daniela Scarpa e Rebeca Espinoza)
O mal-estar entre os estudantes de ciências humanas em geral e de psicologia em particular. Manifestações de angústia, revolta, desesperança no futuro, ficções do Outro Mau, fenômenos psicóticos, passagens ao ato, tentativas de suicídio)**

Vemos crescer no cotidiano da universidade os efeitos de segregação, sofrimento e exclusão gerados pelo forte adoecimento psíquico de inúmeros estudantes. Acometidos por transtornos psicológicos, esses alunos acabam sujeitados a prejuízos no desempenho acadêmico, na manutenção das trocas sociais neste ambiente institucional e na construção de uma inserção que viabilize um projeto de futuro. Esta questão não costuma ganhar o mesmo destaque no debate público que a militância pela valorização das minorias oprimidas. As lideranças da comunidade acadêmica que poderiam despertar o desejo pelos estudos, pela aprendizagem da prática e pela conquista da autonomia financeira e social, tais como o professor e o coordenador, são percebidas muitas vezes como um Outro mau perseguidor e invasivo. A exclusão social que resulta dessa percepção intensifica a revolta, a angústia e a desorientação, descaracterizando a formação universitária enquanto veículo de uma promessa de realizações na vida adulta. Em casos mais extremos, estes estudantes se desconectam radicalmente da realidade, se expondo a situações de risco, consumindo entorpecentes, adquirindo compulsões alimentares, endividamento por gastos excessivos ou, até mesmo, passando ao ato suicida. O pathos mais essencial da condição humana – o inconsciente – retorna das formas mais destrutivas e violentas.

Ângelo Márcio V. da Costa observa que, se a psicanálise pode evidenciar o que mais faz um aluno se sentir em uma cadeira universitária, além do interesse intelectual ou profissional, também convida o professor a valorizar o que se pode transmitir além do conteúdo didático. É preciso considerar que o motor da relação do sujeito com o saber não é apenas intelectual, mas fundamentalmente pulsional (Freud, 1905/2019). É uma boa política incentivar o acesso às universidades para todos mas, caso a caso, a formação universitária pode ser inadequada ao perfil do indivíduo. A reação terapêutica negativa apontada por Freud (1923/2011) pode explicar os fenômenos do mal-estar entre jovens universitários e da resistência ao ensino. É possível supor que reação pedagógica negativa mascara uma satisfação pulsional inconsciente, de caráter autoerótico, que alimenta a posição subjetiva resistente ao ensino e às influências do professor e da instituição. Esta pode ser uma defesa diante de uma experiência universitária marcada pela frustração pulsional.

Rebeca Espinosa Cruz Amaral ressalta que na contemporaneidade a certeza é cada vez mais demandada como direito. No cenário universitário, há estudantes que acreditam que vão obter passaportes definitivos e de classe executiva para um emprego com alto salário, reconhecimento e *status* social. Na realidade, deparam-se, muitas vezes, com um mercado saturado, propostas salariais

irrisórias e uma desvalorização profissional. E como se tem notícias desse cenário? Nem tanto através das mídias e tecnologias digitais - mesmo porque eles já têm acesso a elas antes de entrar na universidade -, e mais através dos discursos de seus próprios professores. Estes, cada vez mais transmitem em seus discursos uma descrença generalizada. O experiência é de profundo desamparo e, como afirmara Freud há quase cem anos, "verifica-se que a angústia é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico" (Freud, 1926[1925]/1996, p. 136). E diante disso, o que fazer? É aqui que se nota uma divisão. Alguns ainda apostam no estatuto do saber e buscam se aperfeiçoar e ingressar no mercado cientes de que trabalho é uma necessidade incontornável. Outros elegem um Outro mau e queixam-se da vida, reivindicam compensações e indenizações pelas dificuldades enfrentadas e apelam a discursos identitários como explicação para o desânimo e a perda do sentido.

Rogério Robbe Quintella parte dos efeitos que a discursividade identitária contemporânea vêm produzindo nas universidades. Questiona a relação entre o discurso universitário – em que o saber é o agente – e essa produção de saber apriorístico sobre raça, gênero, etc... que parece atravessar questões relacionadas à saúde mental discente e docente. Considera que devem ser ressaltadas, dentre outras coisas, as implicações impulsivas atreladas aos problemas vividos por jovens universitários na atualidade relacionados às intensas manifestações da angústia que, do ponto de vista da psicanálise, implicam o conceito de objeto a na sua base. Nas impulsões contemporâneas o objeto a sem o semblante do ideal redundando num empuxo que vai do excesso do gozo à patologia do ato (impulsão), tal como denominou Diana Rabinovich (2004). Esse desvelamento do objeto a evidencia o furo na estrutura da linguagem e empurra o sujeito ao gozo sádico e violento. É o supereu que atua aí como mestre sádico, agora sem referência no ideal do eu, massacrando o sujeito, não tanto sob a insígnia moral, mas no empuxo a objetos reais da urgência infantil (Quintella, 2018), na forma de sofrimentos impulsivos que implicam tanto os transtornos alimentares, vícios, perda de referências ideais, autolesões, tentativas de suicídio e mesmo passagens ao ato.

Flavia Lana Garcia de Oliveira indica que, no comportamento de muitos alunos, observa-se uma posição desafiadora e rivalitária diante do professor. Frequentemente tais manifestações são evidências de uma posição psicótica ou de uma neurose contemporânea não tratada. Os discursos identitários costumam aparecer como tentativas de ancoragem numa identidade coletiva para defender-se de experiências de abandono, rejeição e ressentimento do Outro familiar e de sua própria história de vida. Ao mesmo tempo, pode existir uma abertura e até mesmo um apelo àquele professor que não se recusa a ocupar a função de semblante do grande Outro, engajando-se numa transmissão de saber consistente e desejante. Ressalta os efeitos de a universidade ter se tornado cada vez mais um polo assistencial, com oferta de alimentação, ajudas de custo e bolsas que se tornam essenciais à manutenção da vida acadêmica de muitos estudantes. Essa oferta converte-se em dívida, ensejando uma posição demandante em relação à universidade como um Outro absoluto, que pode tudo dar. Nas ciências

humanas, não é incomum verificarmos uma posição melancolizada dos sujeitos diante da realidade social. Ela é incessantemente questionada até perder sentido para o sujeito. As dificuldades associadas ao duro esforço para inserção no mercado de trabalho e às fragilidades narcísicas ligadas às demandas de felicidade dos dias de hoje contribuem para um desencantamento geral com a vida.

Mais especificamente no que se refere às vertiginosas passagens ao ato, Daniela Scarpa observa que Lacan (1967-1968/2003) quando aborda o suicídio faz dele seu modelo de ato, dizendo que ele é o único ato não falho (Lacan, 1967-1968/2003). O ato se opõe ao pensamento, é sempre um atravessamento – “é o que aponta ao coração do ser” (Miller, 1993/2014). O sujeito, na passagem ao ato, sai de cena. Não há espectador, o sujeito está essencialmente morto. É nesse sentido que Lacan (1967-1968/2003) formula o suicídio como o único ato bem-sucedido, ao preço do sujeito não querer saber mais nada de nada. O *acting-out*, de outro modo traz uma outra dimensão, a do endereçamento, pois necessita do Outro, do espectador. Aqui o sujeito resta na cena sustentada no caráter escópico e no poder mágico da ação. Do ponto de vista da consciência ou do inconsciente, o *acting-out* se apresenta a serviço de uma causa e possui uma orientação para o Outro. O suicídio se apresenta como uma tentativa desesperada e extrema de instauração subjetiva. Essa resposta no real explicita algo que o próprio sujeito não compreende no momento em que o faz, sendo muitas vezes neste ato que o sujeito encena o seu próprio desaparecimento.

Daniela Scarpa também recorda que, desde Freud (Freud, 1910[1909]/1976) em *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*, sabemos da influência da realidade sobre o sujeito e também sobre seu ato. Quando comenta o suicídio dos jovens estudantes, aponta o papel da escola na vida dos jovens, no sentido de conseguir mais do que não impelir seus alunos ao suicídio. Ela deve oferecer-lhes sustentação, numa época de desamparo onde eles são chamados a afrouxar os vínculos com os pais e fortalecê-los em outros espaços, como na escola. Esta sustentação certamente precisa ir além do território da clínica e nos coloca o desafio de promover o fortalecimento dos laços sociais no mundo contemporâneo através da reinvenção de dispositivos que possam suportar o sofrimento de um sujeito tomado pela angústia e possivelmente na iminência da precipitação de um ato.

Fernanda Borges, em sua pesquisa de doutorado, pode recolher a influência da cultura universitária americana - através dos diversos *studies*, mas especialmente dos *gender studies* - não apenas como campo teórico que avança sobre disciplinas diversas nas áreas da saúde e de humanidades, dentre elas a psicologia e a psicanálise, mas também os efeitos devastadores de uma discursividade que fomenta polarizações políticas radicalizadas no interior da universidade. Observa que a politização dos saberes na universidade tem gerado um ambiente de animosidade que, com frequência, impede o desenvolvimento de discussões profícuas a respeito do mal-estar na juventude. Localizou a partir da escuta clínica de jovens de diferentes contextos sociais que a juventude universitária se apresenta muito mais cativa de um discurso que rejeita o laço social baseado na diferença de lugares e hierarquias, apresentando-se bastante refratária à autoridade simbólica e da

tradição. Os efeitos de rejeição das antigas tradições, somados ao empuxo à reinvenção de si parecem apontar para efeitos de angústia e desidentificação importantes na juventude universitária. Os discursos identitários em ascensão tanto promovem o desbussolamento quanto oferecem uma solução. Considera de fundamental importância o reconhecimento dos diferentes discursos que atravessam nossa época e alcançam a juventude, além da discussão a respeito da implantação e desenvolvimento de dispositivos de psicanálise aplicada nas universidades.

TANIA COELHO E JORGE FORBES (Aline Aguiar e Anderson Sant'Anna) - Intervenções psicanalíticas, política da psicanálise frente às transformações do estatuto do saber e da transmissão no mundo horizontalizado. Pode a psicanálise produzir ficções alternativas poderosas ao identitarismo?

A reivindicação social crescente de despatologização repercute sobre todo o campo da saúde mental, paradoxalmente cresce o empuxo a medicalização. É fundamental evitar que a despatologização apressada não termine por desencorajar a clínica psicanalítica. A diferença característica da estrutura subjetiva desses indivíduos não pode ser apagada por discursos identitários, conduzidos por uma perspectiva sociológica diversitária, muitas vezes bem-intencionados, mas mal-informados sobre a experiência psicanalítica. Observamos que o avanço da reivindicação democrática na cena social caminha para a radicalização do igualitarismo. Este último, se elevado à dimensão de valor absoluto não terminaria por configurar um impasse para a clínica e a prática da psicanálise na cultura contemporânea?

A radicalização da reivindicação igualitária em nome da "Justiça Social" (com letras maiúsculas) que se faz acompanhar pela recusa pós-moderna à toda e qualquer forma de autoridade, tende a abolir a dissimetria da relação do sujeito ao real traumático do desamparo e da incidência traumática da língua. Essa dissimetria essencial alicerça as relações humanas de dependência de cada um para com o Outro particular de sua história. Ao abolir a contingência desse laço, discursos sociologizantes promovem a construção de uma subjetividade anônima.

Anderson Sant'Anna analisa desdobramentos do laço social no contexto da expansão do neoliberalismo, em resposta à crise do fordismo e ao fim dos "trinta anos gloriosos" do capitalismo industrial. Com o declínio do sonho americano e a dissolução do projeto fordista de constituição de uma classe média trabalhadora, observa-se o enfraquecimento da democracia liberal burguesa, o colapso da representatividade econômica e a formação de um novo grupamento social, o precariado, sustentado por ideias como o "empreendedorismo de si mesmo". No caso brasileiro, esse processo é intensificado pela perda de influência da igreja católica, cuja oposição à teologia da libertação abre espaço, entre as camadas do precariado, para o crescimento de denominações neopentecostais, apoiadas pela extrema direita. No campo universitário, a incapacidade das correntes políticas da "esquerda tradicional" em fornecer respostas eficazes ao colapso das classes médias trabalhadoras resultará na expansão da

chamada “esquerda radical”, que adota estratégias culturais baseadas em noções de identidade, em detrimento da visão coletiva anterior. Esses processos impactam o laço social e moldam modos de subjetivação e de resistência ao predomínio do discurso do capitalista.

O relativismo absoluto pós-moderno aposta todas as suas fichas na tese de que o Outro não existe. Nesta perspectiva, que lugar poderia ainda ser reservado ao analista? Ficaria a relação analítica reduzida a uma conversa entre pares. Que lugar para a interpretação quando dominam as relações contratuais e intersubjetivas? A despatologização deve ser generalizada? O reconhecimento da diversidade tem sido positivo no combate aos estigmas de gênero, raça e orientação sexual. Porém, talvez, não se aplique muito bem ao campo da psicopatologia pois, o sofrimento, nesse caso, não é simplesmente a consequência do estigma social.

Aline Mendes relata que a ocorrência do desencadeamento psicótico e de passagens ao ato na universidade tem convocado os gestores a uma forma de resposta. O aumento do número de casos de alunos que chegam aos serviços de inclusão da universidade com diagnósticos diversos como TDAH e autismo, por exemplo, ultrapassam o que está estabelecido nos protocolos de atendimento nesses locais. Eles apresentam sintomas e crises que desafiam os regimentos da universidade, o que tem convocado diversos setores a um outro tipo de resposta ao problema. Pois, os casos que são considerados como problemas de saúde mental nas instituições geralmente o são devido à perturbação que provocam na ordem institucional, convocando profissionais e os vários atores a darem uma resposta. Na universidade não tem sido diferente. Aline estabeleceu a Assistência Psicológica aos Alunos da PUC Minas, como um dispositivo temporal, que envolve um acolhimento por parte da universidade e um encaminhamento externo para uma rede de profissionais. Os casos encaminhados são aqueles que perturbam a ordem pública na universidade: surtos em sala de aula, passagem ao ato em banheiros e corredores, instauração de comissões de inquérito na universidade com reinvidicações “infinitezadas” decorrentes de situações que envolvem algum tipo de discriminação.

Recorre à conferência de Miller (1997), *A patologia da ética* por nos permitir cernir um aspecto importante de nossa prática, na medida em que ele questiona a própria noção de saúde mental. Nessa conferência somos levados a nos deparar com o que encontramos nas instituições quando somos chamados a trabalhar com a saúde mental. Rapidamente, nos deparamos com a perturbação da ordem pública. Em linhas finais, como diz Miller é uma questão de deixarmos entrar ou não. Ou seja, a nossa prática em saúde mental seja ela qual for, sempre nos coloca diante de uma questão de deixar alguém entrar ou sair, de se adequar ou não às normas e aos regimentos.

Para não nos tornarmos meros agentes policiaiscos é preciso admitir uma outra noção, distinta da saúde mental, que ultrapasse a noção de “mental”, já que esta é insuficiente para abordarmos a condição humana e o *pathos* que lhe é inerente. Ele nos propõe, assim, a noção de responsabilidade, na medida em que para psicanálise e sua práxis seja na psicanálise aplicada ou na psicanálise pura, devemos considerar o sujeito ético, ou seja, aquele que possa responder. Não pretendemos desenvolver

teoricamente, nessa proposta inicial, a noção de responsabilidade em psicanálise, mas tão somente enfatizar sua necessária relação com a noção de assentimento a partir da qual poderemos ouvir e reconhecer a enunciação de um sujeito que sempre comporta uma ficção que pode o enlaçar no social².

Como destaca Jorge Forbes, a desregulação dos padrões verticais das identidades tem levado a buscas frenéticas de reestabelecimento de padrões rígidos que protejam da angústia do mundo flexível. Temos um país em franca guerra civil de palavras, a caminho da guerra física. Amigos se evitam para não brigar. Há um medo generalizado em dar opinião e apanhar, convivendo com um estranho prazer agressivo. Nunca se deletou tanto nas redes sociais, nem tanto se autocensurou. Dois campos opinativos de tamanhos diferentes se confrontam, cada qual aferrado à sua verdade que, de tão evidente para eles, os leva a acreditar que os outros são canalhas. Mas, se como desenvolvemos, a melhor verdade é a mentirosa, não tem cabimento tentar fazer que a morte do outro seja a prova de minha verdade, tornando-a idealmente menos opaca e menos responsável. É necessário um novo paradigma para a política sair desse impasse maniqueísta e desastroso. Esse paradigma já deve existir e deve estar operando. A nós de nomeá-lo o quanto antes. Daí decorre a atualidade do tratamento clínico: "Fazer-se tolo de um real". Fazer-se tolo é o avesso de se fazer de esperto, de tudo conhecer e ter sua ação garantida por esse conhecimento. Fazer-se tolo de um Real corresponde à diminuição da esperança de tudo saber ante as escolhas ou decisões e, em decorrência, leva ao aumento da aposta. Essa atitude exige dois compromissos éticos fundamentais: Invenção e Responsabilidade, que em português compõem a sigla "IR", de interessante polissemia. Invenção de uma resposta singular ao furo do sentido no Real e Responsabilidade de fazer essa resposta singular passar no mundo.

É nessa perspectiva mais ampla que situamos a particularidade do sofrimento mental de discentes de graduação e sobretudo de pós-graduação. Ao longo de nossa trajetória como professores e orientadores nos deparamos não raramente com o baixo desempenho de muitos jovens pesquisadores, em consequência de atitudes inadequadas e tratamento equivocado dos motivos de seu adoecimento. Observamos que os movimentos sociais, fortemente influenciados por correntes sociológicas americanas, depreciam o saber da psicologia e da psicanálise contribuindo para desorientar estudante em lugar de encorajá-lo a buscar atendimento psicológico adequado. Pretendemos aprofundar nossa percepção de que transformar os sofrimentos singulares de cada em movimentos sociais, por mais bem intencionados que possam ser, não é o melhor caminho para estabilizar a angústia e dissolver os sintomas que afetam o desempenho acadêmico de tantos jovens.

Após o XX Simpósio da ANPEPP (2024) vamos desenvolver longo do biênio (2024-2026) projetos de intervenção com a ferramenta da psicanálise aplicada com o objetivo de promover ações que conscientizem os discentes e a comunidade de docentes da importância da relação entre saúde mental, desempenho acadêmico e inserção no mercado de trabalho. Recordamos as palavras de Coelho dos Santos (2002, 2018) sobre a importância da formação universitária para a formação do futuro psicanalista:

Passei a encarar a psicanálise pura e psicanálise aplicada como respostas a sintomas diferentes: modernos e pós-modernos. Assim, a psicanálise aplicada era algo além simplesmente de práticas psicanalíticas fora do divã. Ela era uma resposta à desregulação do gozo, própria aos novos sintomas na contemporaneidade, e resultava do entendimento de que a interpretação pelo sentido não era a única, nem mesmo a melhor estratégia no tratamento dos sintomas de difícil classificação. Essa mudança de perspectiva foi essencial à minha formação, à minha atividade de pesquisa e ao meu trabalho como orientadora de pós-graduação (Coelho dos Santos, 2018a, p. 77).

Notas

1. Pesquisa aprovada pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa – FIP da PUC Minas: Saúde mental de estudantes universitários: como acolher as urgências subjetivas nesse contexto?”.
2. O trabalho tem sido baseado nas proposições de Fernanda Otoni e do livro de Fernando Casula: Loucura e responsabilidade: consentimento às ficções jurídicas.

Referências Bibliográficas

- Blacker, C. J., Lewis, C. P., Swintak, C. C., Bostwick, J. M. & Rackley, S.J. Medical Student Suicide Rates: A Systematic Review of the Historical and International Literature. *Acad Med* 2019 Feb;94(2):274-280.
- Coelho dos Santos, T. (2002). Do saber suposto ao saber exposto: a experiência analítica e a investigação em psicanálise. In: W. Beividas (Org.). *A psicanálise e a pesquisa em universidade* (pp. 10-27). Rio de Janeiro: Ed.Contracapa.
- Coelho dos Santos, T. (2016a). Desmentido ou inexistência do outro: a era da pós-verdade. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 11, 10–25.
- Coelho dos Santos, T. (2016b). O outro que não existe: verdade verídica, verdades mentirosas e desmentidos veementes. *Ágora*, 19, 565-604.
- Coelho dos Santos, T. (2017). A psicanálise é politicamente revolucionária ou conservadora?. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 12, 04-22.
- Coelho dos Santos, T. (2018). A clínica reorientada pela pesquisa na pós-graduação. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 13(26), 74-80.
- Coelho dos Santos, T. (2019). O que é e onde começa a pós-modernidade? In: T. Coelho dos Santos, A. L. Santiago & F. L. G. de Oliveira (Orgs.). *Reconfigurações do Imaginário no Século XXI*. Curitiba: Editora CRV.

- Coelho dos Santos, T. (2022). Moral sexual civilizada em desconstrução: invenções e impasses. In M. C. Poli, F. Costa-Moura, & M. Mollica. *Fora do armário, a realidade sexual do inconsciente*. Curitiba: Ed. Appris.
- Coelho dos Santos, T. (2023). Does the Other of the Lacan oriented analyst not exist? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*.
- Coelho dos Santos, T. & Cunha, L. H. C. (2014). A saúde dos corpos: entre o ideal missionário e a lógica de mercado In: *Os corpos e suas vicissitudes* (pp. 365-381). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Damiano, R. F., de Oliveira, I. N., Ezequiel, O. da S., Lucchetti, A. L. & Lucchetti, G. (2021). The root of the problem: identifying major sources of stress in Brazilian medical students and developing the Medical Student Stress Factor Scale. *Braz J Psychiatry*, 43(1), 35–42.
- Fórum de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. (2019). *V Pesquisa de Perfil Sócio-econômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais*.
- Freud, S. (1976). Breves escritos: contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996). Inibição, sintoma e ansiedade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XX, p. 81-173). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926[1925]).
- Freud, S. (2019). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S. Freud. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos* (pp. p. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In: S. Freud. *O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos* (pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (2003). O ato psicanalítico. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967-1968).
- Mendes, A. A. (2019). A saúde mental dos estudantes universitários: como acolher as urgências subjetivas nesse contexto institucional? [*Relatório*].
- Mendes, A. A. (2021-2022). As urgências subjetivas de jovens universitários: uma interlocução Brasil-França. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 17(33), 39-57.
- Miller, J-A. (1997). A patologia da ética. In: *Lacan Elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Miller, J-A. (2014). Jacques Lacan: Observações sobre seu conceito de passagem ao ato. *Opção Lacaniana Online Nova Série*, 5 (13). (Trabalho original publicado em 1993).
- Ministério de Educação e Cultura. (2017). Avaliação de Cursos de Graduação Presencial e a Distância: Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento. Brasília. Recuperado de: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2017/curso_reconhecimento.pdf.
- Quintella, R. (2018). *O supereu canibal: Compulsão, impulsão e o desmentido da privação na atualidade*. Curitiba: Appris.
- Rabinovich, D. (2004). *Clínica das pulsões: as impulsões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Scheffer, M. et al. (2023). *Demografia Médica no Brasil 2023*. São Paulo, SP: FMUSP, AMB.

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T, & Teixeira, A. (mai. 2024 a out. 2024). Patologização e despatologização indiscriminada dos transtornos psicológicos em discentes na graduação e na pós-graduação: medicalização e sociologização. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(38), 163-180. Disponível em www.isepol.com/asephallus. **Doi:** 10.17852/1809-709x.2024v19n38p163-180

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 28/10/2024 / 10/28/2024.

Aceito/ Accepted: 02/11/2024 / 11/02/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.